

# **O papel do tutor na EaD**

**Cristiane Edna Camboim**

**Renata Silva Almendra**

## **INTRODUÇÃO**

Passamos, nos últimos 20 anos, por profundas mudanças no campo social, político, cultural, do conhecimento, da tecnologia e da valorização do homem, que nos trazem novas maneiras de ver, traduzir e vivenciar o mundo à nossa volta. Tais mudanças estão gerando um modelo social em que o domínio do conhecimento e do trato da informação se converte em um fator estratégico para o desenvolvimento, a produtividade e a competitividade.

Nesse sentido, as políticas relacionadas com a qualificação dos recursos humanos merecem o máximo interesse e exigem que os processos educacionais sejam caracterizados por sua continuidade e atualização permanentes, renovando e estendendo os conteúdos ao longo de toda a vida das pessoas.

Profissionais de renome, organismos internacionais, órgãos governamentais e a experiência desenvolvida ao nível da educação de adultos mostram,

cada vez com mayor evidencia la incapacidad de los sistemas educativos formales para responder a necesidades masivas, diversificadas y dinámicas de formación, capacitación y calificación de las personas adultas, características que hoy necesariamente la educación debe tener (CABRERA, 1997, p. 43)

Dentro de todo esse contexto, a Educação a Distância aparece como uma alternativa para responder às demandas educacionais criadas por estes fenômenos globais, que trazem como consequência a expansão econômica e a busca por profissionais mais qualificados.

Assim, expansão do Ensino a Distância - EaD, no Brasil, no início deste milênio, pode ser atribuída a dois fatores, pelo menos. O primeiro faz parte do processo de luta pela democratização do ensino Médio e Superior. Há um grito forte e uma luta contínua para que o direito constitucional à educação se concretize para milhões de brasileiros excluídos deste bem social e a Educação a Distância vem se afirmando como uma das possibilidades para que isto se realize.

Em segundo lugar, hoje as tecnologias da informação e da comunicação realizaram avanços e, em certo sentido, algumas delas se “popularizaram”, permitindo às pessoas ultrapassarem as distâncias geográficas e se aproximarem cada vez mais.

Há, neste sentido, um rompimento do conceito de distância. A educação está mais próxima para uma parcela cada vez maior da sociedade (não está mais “a distância”, distante) e as tecnologias da comunicação permitem o diálogo e a interação entre pessoas, em tempo real, como o telefone, o bate-papo (*chat*), a teleconferência, tornando-se sem sentido falar em “distância” no campo da comunicação.

Dentro desse panorama de crescimento acelerado de novos conhecimentos e tecnologias, além das mudanças no trabalho e formas de vida, a Educação - e, no nosso caso, a Educação a Distância (EAD) suportada pela tecnologia -, tem muito a dizer. A EAD pode apresentar condições privilegiadas para sustentar propostas diferenciadas de formação, capacitando e recriando de maneira constante. Mais do que nunca, as pessoas deverão continuar sua aprendizagem após sua escolarização formal, já que a informação e o

conhecimento, que há um tempo atrás permaneciam relativamente estáveis, permitindo que as mesmas competências adquiridas durante a juventude seguissem suficientes durante toda a carreira ou profissão de um sujeito, têm, atualmente, seu ciclo de renovação cada vez mais curto. (Nevado, 2001, p.16)

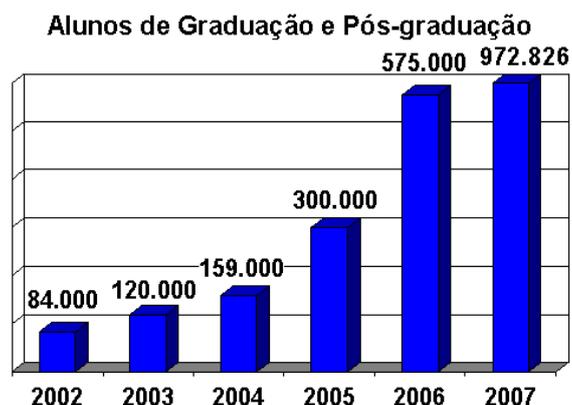
Se antes existiam muitas resistências e pré-conceitos quanto a essa “modalidade”, parece que a conjuntura econômica e política no limiar desse milênio encontrou na EaD uma alternativa economicamente viável, uma opção às exigências sociais e pedagógicas, contando com o apoio dos avanços das novas tecnologias da informação e da comunicação. Isto é, dentro da atual crise estrutural, a conjuntura política e tecnológica tornou favorável a implementação da EaD.

Assim, ela passou a ocupar posição instrumental estratégica para satisfazer as amplas e diversificadas necessidades de qualificação das pessoas adultas, para a contenção de gastos nas áreas de serviços educacionais e, ao nível ideológico, traduz a crença de que o conhecimento está disponível a quem quiser.

Para Fagundes (1996, p.20),

A EAD pode assumir um novo papel dentro de uma sociedade em transformação. Mas, para isso, é necessário que a EAD também assuma novas concepções, servindo a uma aprendizagem contextualizada e cooperativa, que atinja tanto as novas gerações quanto os indivíduos já em atividade profissional que necessitam reaprender constantemente e desenvolver novas habilidades.

É importante destacar o paralelo da fundamentação de Fagundes (2006) com o crescimento do número de matrículas nos cursos de graduação e pós-graduação em EAD, no Brasil, segundo dados do Anuário Brasileiro de Educação a Distância (2007).



**Gráfico 1: Expansão do número de matrículas em cursos de Graduação e Pós-Graduação no Brasil.**

De 2002 até 2007 os alunos de graduação e pós-graduação passaram de 84.000 para 972.826, representando assim, um aumento significativo na escolha por cursos desta natureza. (<http://WWW.abraEAD.com.br>)

Com a expansão da modalidade de Ensino a Distância no mundo cresce também o número de profissionais que atuam no setor. Uma das características inerentes aos programas de EaD é a existência de uma equipe multidisciplinar responsável pela elaboração e realização dos cursos. Trata-se da união de especialistas de áreas diferentes que somam seus esforços para alcançar o mesmo objetivo, ou seja, a oferta de um curso a distância de qualidade. Vargas (2006) aponta que para um curso oferecido por meio da web, são necessários pelo menos os seguintes profissionais: coordenador do curso, professor conteudista, *designer* pedagógico, *designer* de interface, ilustrador e tutores.

Cada membro da equipe exerce um determinado papel, mas todos devem discutir conjuntamente os objetivos do trabalho e prezar pelo grau de comprometimento e envolvimento de cada um e trabalhar de forma cooperativa. Assim, nas palavras de Belloni (2006):

A divisão do trabalho e a objetivação do processo de ensino permite planejá-lo para alcançar objetivos estabelecidos sistematicamente de modo o mais eficaz possível, cada especialista ou equipe de especialistas sendo responsável por uma área limitada em cada fase

do complexo processo de concepção, planejamento, realização e distribuição de cursos e materiais. (BELLONI, 2006, p.80)

Desse modo, a divisão do trabalho e a sistematização de todo o processo de ensino e aprendizagem permitem o planejamento do currículo com foco no alcance dos objetivos propostos de modo eficaz, onde cada especialista é responsável por uma parte do processo. E, como afirma Santos (2006, p.231), o que mais importa nessa “complexa rede de relações sociotécnicas é a garantia da produção de sentidos, da autoria coletiva dos sujeitos e grupos envolvidos em todo o processo”, visando sempre tecer uma rede colaborativa de informações e conhecimentos.

## **A EDUCAÇÃO ONLINE**

O termo usualmente empregado quando tratamos de cursos realizados em redes de computadores é Educação *Online*, pois pressupõe que o processo educacional ocorra de forma não presencial, através de redes colaborativas de aprendizagem. De acordo com Azevedo (2005), “um curso *online* se caracteriza por um conjunto de atividades de ensino e aprendizagem que necessariamente envolve interação entre pessoas, e não apenas interação com telas, softwares ou conteúdos digitalizados”.

Outra característica essencial da Educação *Online* é a utilização de uma plataforma de ensino geralmente denominada Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Podemos conceituar o AVA como um ambiente projetado para facilitar o gerenciamento de cursos *online*, podendo ser também utilizado como uma ferramenta de apoio em alguns cursos presenciais (BRANDÃO; BULAMARQUI, 2006). A educação mediada pela internet abre possibilidades para a elaboração coletiva do saber, para as trocas instantâneas de comunicação, para o acesso ilimitado às fontes de informação e, principalmente, para relações em redes, para lógicas não hierárquicas e não lineares.

Dessa maneira, o espaço pedagógico é reformulado em cursos *online* e as “aulas” passam a ser lições contidas no material didático disponibilizado no ambiente de ensino. Isso possibilita ao aluno maior flexibilidade para transitar pelas “aulas”, tarefas e atividades interativas que geralmente podem ser acompanhadas de maneira não linear e “mais de acordo com suas próprias necessidades, ritmos e estilo pessoal de leitura e aprendizagem”. (BARRENECHEA, 2001).

A navegação individual pelos AVAs, os interesses e experiências de vida diversos dos alunos de um curso, fazem com que se dê maior importância para a socialização das informações captadas de modo a transformá-las em conhecimento. Com isso, o currículo base do curso deve ser mais enxuto, ou seja, menos extenso do que os propostos em cursos presenciais, visto que este será constantemente complementado com as contribuições dos alunos (TOSCHI, 2005). Além do mais, como estamos falando de cursos realizados na web, o estudante também tem toda liberdade de navegar por um oceano de informações, que poderão ser trazidas para serem debatidas e refletidas juntamente com os colegas e tutores.

Morgado (2006) apresenta três modelos mais comuns de ensino online:

I – Modelos mais centrados no professor: De modo geral, este modelo tende a fazer uma transferência das estratégias, técnicas e metodologias do ensino presencial para o formato de ensino online, recorrendo ao uso das tecnologias. Caracterizam-se por estarem mais centrados no ensino do que na aprendizagem, apoiando-se num método de ensino baseado na transmissão de informações e conhecimentos, numa via de mão única.

II – Modelos mais centrados na tecnologia: estudante e professor figuram num papel mais secundário. Nessa perspectiva, o professor apresenta-se como um fornecedor de conteúdos e o aluno num usufruidor dos mesmos, enquanto a tecnologia desempenha um papel de transmissora do conhecimento.

III – Modelos mais centrados no estudante: tais modelos inscrevem-se numa tendência contemporânea em que a instituição de ensino direciona seu

foco para a figura do estudante. Atualmente, esses modelos se baseiam, sobretudo, na autonomia do aluno e na auto-aprendizagem.

Segundo Morgado, é o “ponto de confluência entre estes três vectores – meio/professor/estudante/ - que permite determinar o modelo de que mais se aproxima uma instituição. Um modelo equilibrado seria aquele em que cada um destes três aspectos fosse fundamental, mas sem se sobrepor aos outros dois”.

## **DISCUTINDO O PAPEL DO TUTOR**

Dentre tantos profissionais envolvidos na realização de um curso na modalidade a distância, há de se destacar o papel do professor tutor, responsável por facilitar a mediação dos alunos com os conteúdos, estimular o debate e orientar os alunos em suas dúvidas e demais procedimentos adotados pelo curso. Machado e Machado (2006) destacam que este profissional deve ter uma excelente formação acadêmica, pois precisa de capacidade intelectual, domínio da matéria, e conhecimento de técnicas metodológicas e didáticas. Deve também ter habilidade para planejar, acompanhar, avaliar atividades, além de motivar os alunos nos estudos. Nesse sentido, os autores fazem uma análise da tutoria de um modo geral:

A tutoria é necessária para orientar, dirigir e supervisionar o ensino-aprendizagem. Ao estabelecer o contato com o aluno, o tutor complementa sua tarefa docente transmitida através do material didático, dos grupos de discussão, listas, correio-eletrônico, chats e de outros mecanismos de comunicação. Assim, torna-se possível traçar um perfil completo do aluno: por via do trabalho que ele desenvolve, do seu interesse pelo curso e da aplicação do conhecimento pós-curso. O apoio tutorial realiza, portanto, a intercomunicação dos elementos (professor-tutor-aluno) que intervêm no sistema e reúne em uma função tríplice: orientação, docência e avaliação. (MACHADO; MACHADO, 2006, p.8).

Assim, o tutor tem um papel-chave na condução de cursos em EaD e muitas instituições têm investido bastante na capacitação desses profissionais.

Essa capacitação é extremamente importante, pois o tutor é o principal responsável por promover a interação entre os demais participantes do curso e uma falha da tutoria muitas vezes pode significar motivo de evasão em um curso. De acordo com Pereira (2007), a prática pedagógica do tutor nos programas de EaD proporcionam uma maior interação entre:

- Aluno / ambiente de ensino e aprendizagem
- Aluno / conteúdo do curso
- Aluno / professor autor
- Aluno / aluno

Ademais, de acordo com o mesmo autor, o tutor também é responsável por auxiliar os alunos na organização de seu tempo de estudo, acompanhá-lo no seu processo de aprendizagem e facilitar a utilização dos instrumentos tecnológicos disponíveis na plataforma de ensino.

A importância da atuação do tutor é bastante grande, tanto em relação ao aluno, considerando sua trajetória de aprendizagem, quanto ao curso como um todo, pois tem subsídios para a coleta de dados e informações que possam contribuir para a melhoria de todo o processo de ensino-aprendizagem.

Diante de tanta responsabilidade e tantos desafios é notável que o professor tutor deva estar, antes de tudo, preparado para a inovação tecnológica e para as conseqüências pedagógicas que isso acarreta, sendo necessário o rompimento com determinados padrões herdados da prática docente presencial.

Azevedo (2003 apud VARGAS, 2006) afirma que o fato de um professor ser especialista em sua área e ser um bom professor presencial não significa que ele, automaticamente, saberá atuar diante de uma turma em um ambiente virtual de aprendizagem. Assim, é preciso dar destaque à importância da capacitação ou formação pedagógica específica para EaD.

Endossando essa idéia, Lúcio Teles, professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, em entrevista ao jornal UnB Notícias, afirmou que realmente a maior parte dos docentes não está capacitada para atuar nesta modalidade de ensino. Segundo ele “A EaD cresceu no Brasil de uma maneira um pouco caótica, pois ainda pensa-se em aulas a distância similares às realizadas no ensino presencial. A capacitação dos professores em um formato pedagógico apropriado são fundamentais” (TELES, 2007 apud RABELO, 2007, p.13).

Muitos autores afirmam em seus estudos que há uma clara tendência dos professores em reproduzir suas práticas educacionais como se estivessem em uma sala de aula convencional, seja por falta de conhecimento das peculiaridades dos ambientes *online*, seja devido a pouca intimidade com a plataforma de ensino. O professor que ensina a distância, não apenas transmite o seu conhecimento, mas também formula problemas, provoca situações, pensa em novos percursos e estratégias de aprendizagem de acordo com o perfil de seu público alvo. Como coloca Almeida (2003), a utilização de ambientes digitais e interativos de aprendizagem tem como conseqüência uma clara redefinição do papel do professor, pois ensinar nesses espaços significa:

Organizar situações de aprendizagem, planejar e propor atividades; disponibilizar materiais de apoio com o uso de múltiplas mídias e linguagens; ter um professor que atue como mediador e orientador do aluno, procurando identificar suas representações de pensamento; fornecer informações relevantes, incentivar a busca de distintas fontes de informações e a realização de experimentações; provocar a reflexão sobre processos e produtos; favorecer a formalização de conceitos; propiciar a interaprendizagem e a aprendizagem significativa do aluno. (ALMEIDA, 2003, p.334-335).

No entanto, alguns autores defendem que a classificação de tutor não existe nas relações trabalhistas e, que é mais uma ação somada a inúmeras que desvalorizam o trabalho docente. Outros teóricos defendem que a noção de tutoria vem de acompanhamento, que tais profissionais não possuem

autonomia para o planejamento das aulas e estratégias pedagógicas (KRATOCHWILL, 2009, p.25).

No Brasil, as funções de tutoria tiveram como principal marco regulatório a RESOLUÇÃO CD/FNDE Nº 26, DE 5 DE JUNHO DE 2009, em conjunto com as ações de regulamentação da Universidade Aberta do Brasil – UAB.

**Tutor** é o profissional selecionado pelas IPES vinculadas ao Sistema UAB para o exercício das atividades típicas de tutoria, sendo exigida formação de nível superior e experiência mínima de 1 (um) ano no magistério do ensino básico ou superior, ou ter formação pós-graduada, ou estar vinculado a programa de pós-graduação. O valor da bolsa a ser concedida é de R\$ 600,00 (seiscentos reais) mensais, enquanto exercer a função. Cabe às IPES determinar, nos processos seletivos de Tutoria, as atividades a serem desenvolvidas para a execução dos Projetos Pedagógicos, de acordo com as especificidades das áreas e dos cursos.

Entre os indicadores de Qualidade apontados pelo Ministério da Educação do Brasil, pelo menos três possuem relação direta com a equipe de tutoria:

1. Equipe profissional multidisciplinar;
2. Comunicação/Interatividade entre professor e alunos;
3. Infra-estrutura de apoio.

Neste sentido é importante destacar que a tutoria faz parte do um Sistema de Apoio ao aluno, que compreende todo apoio acadêmico e pedagógico.

É o tutor um dos grandes responsáveis pela efetivação do curso como um todo e ele estará constantemente orientando, dirigindo e supervisionando o processo de ensino aprendizagem dos alunos (Bentes apud Pretti, 1996). É ele que está à frente do processo educacional e lidando diretamente com as necessidades, demandas e expectativas de todo corpo discente. O tutor, além de tudo, deve procurar conhecer a realidade de vida de seus alunos, visando

cobrir possíveis abismos que possam existir entre o conteúdo e a experiência cotidiana deles.

Assim, avançaremos mais se o papel de professor-tutor puder adaptar os programas previstos às necessidades dos alunos, criando conexões com o cotidiano, com o inesperado, se conseguir transformar o curso em uma comunidade viva de investigação, com atividades de pesquisa e de comunicação.

Com a flexibilidade procuramos adaptar-nos às diferenças individuais, respeitar os diversos ritmos de aprendizagem, integrar as diferenças locais e os contextos culturais. Com a organização, buscamos gerenciar as divergências, os tempos, os conteúdos, os custos e estabelecemos os parâmetros fundamentais para o desenvolvimento de um curso na modalidade a distância.

Um bom curso a distância não valoriza somente os materiais produzidos com antecedência, mas como eles são pesquisados, trabalhados, apropriados, avaliados. Traça linhas de ações pedagógicas maiores (gerais) que norteiam as ações individuais, sem sufocá-las. Respeita os estilos de aprendizagem e as diferenças de estilo de professores, tutores e alunos. Personaliza os processos de ensino-aprendizagem, sem descuidar o coletivo. Permite que cada tutor encontre seu estilo pessoal de dar aula, onde ele se sinta confortável e consiga realizar melhor os objetivos, com avaliação contínua, aberta e coerente.

Da previsibilidade à experimentação. Para romper com o modelo tradicional de organizar o ensino-aprendizagem, estamos passando por etapas longas de experimentar caminhos parciais, soluções experimentais locais até termos certeza do que vale a pena fazer em cada momento e para cada situação. Isso demandará anos, muito provavelmente uma ou duas décadas.

As tecnologias na educação do futuro também se multiplicam e se integram; tornam-se mais e mais audiovisuais, instantâneas e abrangentes. Caminhamos para formas fáceis de vermo-nos, ouvirmo-nos, falarmos-nos, escrevermo-nos a qualquer momento, de qualquer lugar, a custos progressivamente menores (embora altos para a maior parte da população).

Tudo isto nos mostra que não será fácil mudar a cultura escolar tradicional, que as inovações serão mais lentas do que desejamos, que muitas instituições continuarão reproduzindo no virtual o modelo centralizador do conteúdo e do professor do ensino presencial. As dificuldades são muitas, o mito do ensino presencial persiste e o temor dos professores de não conseguirem adaptar-se a este novo papel que lhe é imposto é grande. Nesse sentido, Silva (2006, p. 55) argumenta que a “educação via internet vem se apresentando como um grande desafio ao professor acostumado com o modelo clássico de ensino”. Tendo com padrão a sala de aula, muitos professores têm dificuldades em aceitar a educação a distância e acabam por sugerir formas de levar o modelo presencial para cursos a serem realizados a distância. Isso mostra uma total descrença em relação à efetividade da EaD e seus resultados.

No entanto, mesmo diante dos temores e dificuldades, cresce a cada dia o otimismo de muitos educadores em relação às inovações tecnológicas e as mudanças evidentes que elas trazem para a estrutura educacional. Mesmo diante de algumas dificuldades em trabalhar com o arsenal tecnológico disponível, os professores têm buscado se encontrar na linguagem da interatividade e vão compreendendo o valor da comunicação, do diálogo da troca de experiências. Compreendem também a importância de serem parceiros de seus alunos e escritores de suas idéias e propostas.

O tutor é o grande elo dessa cadeia informacional instantânea, pois ele está em contato direto com a forma de aprendizagem de seus alunos. A figura do tutor tem um caráter que se estabelece pelo rompimento do modelo tradicional. É ele quem vai estimular a aprendizagem colaborativa e provocar o educando a descobrir novos significados para si mesmo. No ensino superior, principalmente, isso é essencial para ajudar a despertar o prazer da escrita para expressar o pensamento, e da leitura para compreender o pensamento do outro, sempre compartilhando idéias, sonhos e experiências de vida.

Professores e tutores que trabalham com EaD reconhecem que esta modalidade de ensino é responsável por uma redefinição de seu trabalho docente e que o estabelecimento de um novo processo comunicativo, mais

dialógico, os aproxima ainda mais da proposta de Paulo Freire (Almendra, 2008), que afirma:

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma inestruturada. A educação autêntica, repitamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 1975)

Afinal, na comunicação que se dá entre educadores e educandos, que se faz essencialmente por palavras, não pode ser rompida a relação pensamento-linguagem- realidade. Se a educação não se voltar para a ação sobre a realidade dos alunos, ela perde todo o seu sentido. E o objetivo final de todo processo educacional é promover a ação libertadora, que é a busca da utopia do bem comum.

## REFERÊNCIAS

**ABRAEAD 2007** – Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância. Disponível em: <<http://www.abraead.com.br/anuario/anuario2007.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2008.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Educação a Distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem**. In: Educação e Pesquisa. São Paulo, v.29, n.2, jul/dez 2003. ALMENDRA, Renata Silva. **Educação a Distância no Ensino Superior. A (re)significação do trabalho docente na Universidade Aberta do Brasil**. Monografia de Pós-Graduação em Educação a Distância – CEAD/UnB, Brasília, 2008.

BENTES, Roberto de Fino. **A Avaliação do Tutor. In: Educação a Distância, o Estado da Arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 4ª ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

FAGUNDES, Léa da Cruz. **Aprendizagem Cooperativa em Ambientes Telemáticos**. Informática na Educação: Teoria & Prática / Curso de Pós-Graduação em Informática na Educação, v.2, n.1, Porto Alegre: UFRGS, 1996. p.19-28.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1975.

KRATOCHWILL, Susan. **Fundamentos da educação a distância**. Rio de Janeiro, Editora armazém das letras, 2009.

MACHADO, Líliliana Dias e MACHADO, Elian de Castro. **O papel da tutoria em ambientes de EaD**. In: Curso de formação dos tutores presenciais e a distância. CREAP – UAB. Disponível em [www.uab.unb.br](http://www.uab.unb.br) em 20/05/2008.

MORGADO, Lina. **O papel do professor em contextos de ensino online: problemas e virtualidades**. In: Discursos. Série 3. Universidade Aberta, 2001. P.125-138. Disponível em: <http://www.univ-ab.pt/~lmorgado/Documentos/tutoria.pdf> em 22/03/2010.

NEVADO, Rosane Aragón de. **Espaços Interativos de Construção de Possíveis: uma nova modalidade de formação de professores.** Porto Alegre: 2001. 244p. Tese de (Doutorado) – Programa de Pós -Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

PEREIRA, Jovanira Lázaro. **O cotidiano da tutoria.** In: CORRÊA, Juliana (org). Educação a Distância – Orientações metodológicas. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RABELO, Camila. **Educação a distância: uma opção para o Brasil.** In: UnB Notícias, Brasília, ano 10, número 80, p. 9-13, set/out, 2007.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Articulação de saberes na EaD online. Por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem.** In: SILVA, Marco (org). Educação *Online*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

VARGAS, Miramar Ramos Maia. **Implantação de Programas de EaD.** Material didático do curso de Pós-Graduação em Educação a Distância. Centro de Educação a Distância, Universidade de Brasília, 2006.

SILVA, Marco. **Criar e professorar um curso online: relato de experiência.** In: SILVA, Marco (org). Educação *Online*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

VIANNEY, João - **O cenário brasileiro da educação a distância: O crescimento da modalidade, o perfil dos alunos, o desempenho dos estudantes, a legislação e os conflitos da educação superior a distância no Brasil.** In: 2º Ciclo de Seminários Internacionais de Educação no Século XXI: Modelos de Sucesso. Brasília: 2008.